

## **Aproximações e Distinções entre Linguagem, Mídia e Dispositivo no contexto da Poesia Digital<sup>1</sup>**

Renato Medeiros CORDEIRO<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### **RESUMO**

O texto a seguir se propõe a refletir sobre os conceitos de linguagem, mídia e dispositivo, observando características comuns e também as particularidades que distinguem os três termos entre si. De início, o trabalho levanta questionamentos a respeito do objeto da comunicação e procura situar a Poesia Digital enquanto objeto de estudo. Para isso, alguns posicionamentos a respeito dessa manifestação poética foram tomados, com base nas delimitações que foram contornando os três termos supracitados.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem; mídia; dispositivo; poesia digital; tecnologias digitais.

### **Questões Preliminares**

Ao pensar a comunicação como espaço teórico, Vera França (2001) realiza questionamentos sobre o objeto de estudos desse campo, na busca por entender o que se procura ou se espera da comunicação. Em suas reflexões, a autora levanta algumas hipóteses, das quais cinco são colocadas em destaque aqui.

Quando nos propomos a investigar a comunicação, é possível que estejamos nos debruçando sobre os aparelhos que possibilitam a comunicação entre duas ou mais partes, assim como o desenvolvimento tecnológico de forma geral. Mas também é válido pensar a maneira como se dá a produção discursiva nos meios de comunicação, grosso modo: o que está nas entrelinhas dos textos – “conteúdos”, palavra perigosa – que são veiculados cotidianamente à sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UnB, email: renatomedeiros.c@gmail.com

A pesquisa de novos produtos gerados no campo da comunicação e das mídias também pode ser outro nicho para a pesquisa acadêmica, ou seja, o aparecimento e a diversificação de gêneros discursivos podem configurar o objeto da comunicação.

O objeto também poderia estar centrado no receptor; nos hábitos que são construídos entre aqueles que recebem os produtos da comunicação; nas maneiras em que esses receptores reelaboram esses produtos e criam novos usos, específicos e diferentes dos usos originalmente pensados pelos produtores; da mesma forma como o objeto da comunicação também poderia estar justamente nas influências que esses produtos, discursos e aparatos tecnológicos são capazes de promover.

Então, a partir desse variado leque de possibilidades, voltamos à pergunta: afinal, qual é o objeto da comunicação? Para França (2001), talvez todos esses aspectos sejam válidos, já que esse conjunto de elementos, aliados à presença constante dos meios de comunicação, significam a constante reconfiguração das experiências cotidianas e das variadas dimensões do real.

Essas questões levantadas e a possível resposta formulada pela autora são válidas aqui principalmente para localizar a Poesia Digital e sua relação com o público também como objetos da comunicação. A Poesia Digital pode ser entendida como uma expressão poética contemporânea interdisciplinar, já que está associada ao campo da literatura, mas também atravessa práticas ligadas à Arte e Tecnologia, como a *Web Art* ou a *Game Art*. Assim como ocorre com esses outros fenômenos artísticos, na Poesia Digital as fronteiras são imprecisas não apenas com relação aos aspectos estéticos, mas também com relação aos aparatos midiáticos envolvidos.

A Poesia Digital aparece no final da década de 1980, se intensifica na década seguinte e se consolida como novo gênero literário na década de 2000 (ANTÔNIO, 2010). Curioso perceber que seu desenvolvimento acompanha o próprio desenvolvimento das tecnologias digitais e das capacidades de conectividade cada vez mais ampliadas ao longo dos anos. De caráter experimental, a Poesia Digital traz recursos de outros gêneros da literatura experimental do século XX, como a Poesia Visual, a Poesia Sonora, o Poema-Processo, a Poesia Cinética ou o Poema-Objeto. Em alguns casos, também se assemelha a jogos de videogame e tenta ampliar ao máximo suas capacidades de interação com o leitor/usuário.

Uma característica fundamental da Poesia Digital é justamente, e como o próprio nome diz, o digital como condição de existência. Ou seja, essa manifestação poética se

vale principalmente do contexto digital e de suas representações binárias computacionais. Poder-se-ia dizer que neste caso a literatura não se faz em letras, mas sim em números.

O fato é que essa manifestação poético-literária acontece em um dos mais sofisticados espaços contemporâneos de comunicação: o meio digital. Aproximando a Poesia Digital das reflexões de Vera França, é possível perceber que esses textos poéticos, além de geradores de discursos, também inauguram novos produtos/gêneros dentro do próprio campo digital e precisam das mídias desse campo para serem realizados. A Poesia Digital também tem o potencial de promover hábitos distintos aos leitores, agora também usuários, e tem a chance de ser reconfigurada por esses mesmos leitores. Resta saber de que forma isso se dá. Os modos de funcionamento dessa nova ferramenta artística/literária/comunicacional e os efeitos que pode promover em seus possíveis públicos.

A Poesia Digital, como já foi adiantado, se inspira ou leva consigo várias influências e elementos de experiências anteriores. O fato de fundir linguagens artísticas e características de mídias variadas é reflexo disso. Já não é possível distinguir com facilidade os elementos constitutivos de uma obra de arte dessa natureza. Interessa aqui, portanto, refletir sobre esses processos de convergência. A Poesia Digital seria principalmente o resultado da combinação híbrida entre linguagens artísticas e midiáticas, mas se configuraria também como um dispositivo, que necessita da constante retroalimentação de leitores para atribuir novos sentidos às obras, a partir de usos diversos e inovadores. Para posicionar o estudo da Poesia Digital no campo da comunicação e vislumbrar modos possíveis de convergência, este texto propõe aproximações e distinções sobre os três conceitos citados há pouco: linguagem, mídia e dispositivo e como são entendidos nos contextos de algumas correntes das Teorias da Comunicação.

### **Pensando a Linguagem**

Ainda com Vera França, temos uma definição de comunicação que contempla a linguagem. Comunicação seria então o:

(...) processo social básico de produção e partilhamento do sentido através da materialização de formas simbólicas – existiu desde sempre na história dos homens, e não foi inventada pela imprensa, pela TV, pela internet. (...) Antes se nomeavam as práticas, os procedimentos, os objetos: era a *linguagem*; a retórica; os arautos (FRANÇA, 2001, p. 41).

Com esse trecho, percebe-se como esses conceitos ainda hoje possuem tênues delimitações. Um momento em que comunicação e linguagem se confundiam ao ponto de serem consideradas sinônimas.

Partindo da premissa de que a arte é uma necessidade cultural do ser humano, é possível dizer que manifestações artísticas acompanham a humanidade desde tempos remotos. Entretanto, talvez não se trate da arte tal qual se concebe em tempos contemporâneos, mas sim da necessidade de expressão, presente em ritos, celebrações místicas, danças, cantos, pinturas rupestres, entre outras práticas envolvendo a imaginação e a criatividade.

Necessidade de expressão que só mais tarde ganharia os contornos do que se conhece hoje em dia como arte, religião, filosofia, retórica e demais segmentos formadores da cultura, deixando de lado a homogeneidade supracitada. Necessidade de expressão diretamente ligada à comunicação e, logo, ao desenvolvimento da linguagem, possível quando o ser humano desenvolveu a capacidade de abstração (MARTINS, 2002).

É na linguagem que, conforme Wilson Martins, se encontra a fonte do desenvolvimento espiritual. “Não é a vida do espírito que originou a abstração; é a abstração que originou a vida do espírito” (MARTINS, 2002, p. 17) e foi essa capacidade que permitiu o florescimento da linguagem. Martins (2002), apoiado por Vendryès, acrescenta que o contato entre os seres humanos se difere do contato entre os outros animais porque os primeiros passaram a atribuir valores simbólicos aos sinais. A linguagem seria então, na concepção de Vendryès, um sistema de sinais.

Ainda levando em consideração esse período que os historiadores chamam de pré-história, Norval Baitello Júnior pensa o corpo humano como uma mídia primária, “produtor de linguagens, gestos, sons, movimentos, cheiros, feições, posturas” (BAITELLO JÚNIOR, 2010, p. 106). Pensamento semelhante ao de autores como Harry Pross (1990) e Luhmann (2006), que também enxerga a linguagem como o primeiro meio de comunicação. O mesmo não acontece nas perspectivas culturais, que considera a linguagem como segundo meio, em detrimento das operações biológicas

que, segundo essa perspectiva, constituem os contatos básicos da existência, a primeira comunicação seria de cunho biológico, molecular (BAITELLO JÚNIOR, 1999).

O surgimento da lingüística marca definitivamente a reflexão que se debruça sobre a linguagem e lança as idéias primordiais que abordam o assunto, quando considera a linguagem um código e a língua como um sistema organizado de signos que exprimem ideias (MATTELART, 1999). Para as perspectivas teóricas que estudam os discursos essa afirmação se apresenta como base de reflexão sobre o poder que envolve o discurso e a linguagem como um todo.

Mattelart (1999) vai dizer que a linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas que trata-se da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido. Fala que está embebida de poder e de intenção.

Na concepção de Mead (apud RÜDIGER, 2003), a linguagem substitui os objetos do mundo material por símbolos, o que remete novamente à noção de que foi a capacidade de abstração que permitiu o surgimento da linguagem, quando o ser humano conseguiu abstrair um objeto material para dotá-lo de sentido, como dizia Martins (2002) anteriormente. Mead (apud RÜDIGER, 2003) ainda acrescenta que essa relação não se dá a fim de estabelecer interações apenas, mas que a linguagem também é capaz de mediatizar a realidade, que aparece aqui enquanto construção social.

Quando Baitello Júnior (2010) considera a linguagem um código secundário, ele também está afirmando que a linguagem proporciona o surgimento de uma realidade paralela, simbólica, codificada, virtualizada, ou seja, o universo simbólico constituiria uma segunda existência, no campo das ideias, da abstração. Narrativizar e criar textos (em qualquer linguagem disponível, seja verbal, visual, musical, olfativa), estaria na ordem dessa segunda existência, paralela ao mundo sensível.

Já as perspectivas sistêmicas vão dizer que o sistema cultural, que poderíamos relacionar com a segunda existência, só estaria acessível aos que conhecem o código e são membros de uma dada cultura (MORIN, 2001). Aparece, portanto, a necessidade de mediação e a linguagem, vista por Muniz Sodré (2006), como mediação universal. Ou seja, vista novamente como primeiro meio de comunicação ou como a base de todas as comunicações possíveis?

Esse questionamento é um dos primeiros posicionamentos a serem tomados por este trabalho: a linguagem seria um meio de comunicação ou uma atmosfera virtual (no

sentido de potência para a existência) e simbólica que abriga, e até mesmo dá suporte, aos processos de comunicação? Uma maneira de lidar com essa questão é considerando que a linguagem é um sistema de símbolos que forma uma espécie de gramática, na fala dos autores citados: um código. Cada nova gramática/código, ou seja, cada novo esquema de regras, particularidades e especificidades, formam uma linguagem distinta. Então é possível considerar a existência de variadas linguagens e cada código como uma base que abriga meios de comunicação.

Sendo assim, o posicionamento estabelecido aqui é o de que a Poesia Digital, enquanto gênero literário, é formada pela convergência de linguagens artísticas (como o Teatro, as Artes Plásticas, a Música, o Cinema e a Escultura) e por linguagens midiáticas, e aí resta reposicionar também a ideia de mídia para se chegar a essa concepção de linguagem midiática. De qualquer forma, entendemos que o Rádio, a Televisão, os meios impressos, entre outros possuem suas próprias gramáticas, que caracterizam o seu funcionamento, essa gramática/código constitui uma nova linguagem. Essa é a ideia e é a partir dela que a Poesia Digital será abordada daqui em diante.

### **Pensando Mídia e os Meios de Comunicação**

O estudo dos meios de comunicação de massa se dá principalmente a partir dos anos 1930 (RÜDIGER, 2003), data compartilhada por boa parte dos teóricos da área. De início, eram investigadas as influências que esses meios de massa exerciam sobre seus públicos, tidos como passivos. Para Lazarsfeld e Merton (1987), por exemplo, esses meios assumiram a tarefa de ajustar os públicos de massa ao *status quo* social e econômico, mas a mera presença deles não afetava a sociedade de modo profundo. Ou seja, as atenções estavam voltadas aos conteúdos transmitidos, que levavam consigo, como mostram as perspectivas críticas, mensagens (discursos) de ordem.

Em Adorno e Horkheimer (1985), os espectadores não atuam por conta própria, mas são afetados e até mesmo manipulados por um produto midiático que prescreve toda a reação. Essa concepção vai totalmente de encontro à Teoria do Efeito Estético, desenvolvida por Wolfgang Iser, que aposta no sujeito enquanto responsável por dotar a obra de arte de sentido. O objeto estético nasceria portanto a partir da leitura de seu

espectador e, sendo assim, ele jamais poderia constituir um público passivo (ISER, 1996).

Além disso, como será evidenciado adiante, o invólucro do “conteúdo”, ou seja, o meio de comunicação em si mesmo já provoca efeitos. A forma faz parte daquilo que se transmite, como já dizia McLuhan (2000): o meio é a mensagem.

Mas não só os meios de comunicação de massa mereceram as atenções. As perspectivas sistemas começam a mudar esse quadro quando passam a investigar alguns tipos de meios de comunicação. Para Luhmann (2006) há três tipos de meios: a *linguagem* (e novamente temos ela ocupando um lugar primário na comunicação); os meios de difusão, que aparecem aqui como um melhoramento do conceito de meio de comunicação de massa, já que chega a considerar também a escrita como um meio de difusão ampliador da comunicação e da memória; e os meios simbolicamente generalizados, como o dinheiro, o poder, o amor e a verdade. Este último item é diferencial, pois coloca em destaque particularidades da vida em sociedade que estão dotados de poder comunicativo e absolutamente simbólicos: o dinheiro é um dos melhores exemplos a serem citados.

Esse poder do simbólico remete novamente ao que já foi dito sobre a constituição de uma segunda existência, virtual e paralela à existência táctil. Sodré (2006) fala sobre a virtualização das relações humanas enquanto fruto da midiatização. O ser humano encontra-se agora cercado por próteses tecnológicas que se confundem ao ambiente natural. McLuhan (2005) já dizia que os meios de comunicação são, na verdade, extensões do corpo físico: línguas, leis, ideias, vestuário, computadores... Para o autor, esse ambiente artificial consolida um quarto mundo, o eletrônico, que circunda os outros três (partindo da antiga definição de Guerra Fria que dividia o planeta em três mundos: o Capitalista, o Socialista e o Subdesenvolvido).

O pensamento de McLuhan também introduz a noção de simultaneidade, tão cara à era digital contemporânea e também à Poesia Digital. McLuhan (2005) modifica o conceito de meio de comunicação de massa quando passa a considerar o simultâneo enquanto massa. Ou seja, o homem de massa seria aquele que existe simultaneamente no mesmo mundo. E esse compartilhamento necessariamente não se dá em um mesmo local e horário. Ele se dissolve nos mais variados meios e momentos. A web pode representar esse aspecto muito bem: ela não tem lugar e nem tempo definido. Ou talvez



tenha lugares e tempos próprios, que se manifestam de diferentes formas, porém simultaneamente.

Por último, as perspectivas das midiologias também sugerem que, embora os meios de comunicação sejam criados para uma determinada finalidade, eles sofrem alterações em consequência do uso de suas propriedades. Com isso, podemos começar a concluir que, de fato, o meio, por si só, produz efeitos sensoriais e simbólicos. Ele instiga seus receptores a produzir novas formas de se relacionar com a própria mídia, com a tecnologia, com a máquina.

Este trabalho passa a pensar, portanto, mídia e meios de comunicação enquanto sinônimos. A palavra “mídia” vem do latim *media*, que é plural de *medium*, o meio, aquilo que ocupa uma posição entre dois ou mais objetos. Embora no contexto contemporâneo o termo “mídia” possa ser utilizado — geralmente de maneira pejorativa — como sinônimo de imprensa ou jornalismo, as mídias são os meios tecnológicos que os seres humanos utilizam para se comunicar, sendo cada um desses meios uma mídia específica. Ou seja, a palavra “mídia” também passa a ser considerada singular e ganha um novo plural: mídias.

Contudo, não se trata apenas da mídia como suporte, mas sim enquanto um sistema de códigos, uma gramática, formadora de linguagens. Portanto, o Rádio, a TV, o Cinema e os veículos impressos são mídias porque constituíram uma gramática, formando assim uma linguagem.

Ao pensar novamente o nosso objeto, podemos posicioná-lo dizendo que a Poesia Digital não é uma mídia, mas está inserida na mídia web, que ainda está construindo sua própria gramática, por meio do processo de convergência e hibridização de outras mídias. Essa é a mesma lógica de formação da Poesia Digital: a convergência e hibridização de diversas linguagens (artísticas e midiáticas) para tornar-se ela mesma uma linguagem artística nova, assim como a web procura os melhores caminhos para estabelecer propriedades que a definem enquanto linguagem midiática.

### **Pensando o Dispositivo**

O termo dispositivo é caro às perspectivas discursivas e uma constante nas reflexões de Michel Foucault e Louis Althusser. O primeiro fala que existem duas formas de controle social, seguindo Mattelart (1999):



(...) a “disciplina-bloco”, feita de proibições, bloqueios e clausuras, de hierarquias, encerramentos e ruptura de comunicação, e a “vigilância-mecanismo”, feita de técnicas de vigilância múltiplas e entrecruzadas, de procedimentos flexíveis, funcionais de controle, de dispositivos que exercem a vigilância mediante a interiorização pelo indivíduo de sua exposição constante ao olho do controle (MATTELART, 1999, p. 97).

Dessa forma, o controle social é possível de maneira mais sutil e provavelmente mais eficaz, a partir da vigilância constante exercida por um dispositivo. Portanto, esse dispositivo deveria fazer-se presente em variados lugares e tempos e por que não dizer simultaneamente. Mattelart (1999) vai dizer que o termo “dispositivo” remete também à ideia de organização e rede. Althusser, segundo Mattelart (1999), vai falar em aparelhos ideológicos e de um Estado abstrato. A constante atuação desses aparelhos no controle social formaria uma ação em rede, um ambiente simbólico em que o controle acontece.

Conclusão semelhante também pode ser tirada das perspectivas sistêmicas, quando considera que o mundo tem perdido sua face linear e ganhado contornos configurativos, circulares. Facilmente, podemos remeter essa fuga do linear à organização em rede, ao desenvolvimento de um ambiente simbólico, uma segunda existência, não mais sensível, porém incrivelmente poderosa.

Baitello Júnior (2010) também menciona as redes quando fala que é através delas que os impulsos elétricos são transportados. O autor expõe que a eletricidade inaugurou um novo tipo de mediação, que dispensa o suporte físico da mensagem (jornal, revista, livro). Como se sabe, a luz não é algo palpável. Não se pode tocá-la. Aqui o dispositivo já se torna distinto do suporte material. É o que também pensa Mouillaud (2002), para quem os dispositivos são matrizes (mais do que suportes) em que são inscritos textos. O dispositivo prepara para o sentido. Não é apenas matéria (como o suporte), é um formato, que existe antes mesmo do texto e comanda a sua extensão e duração. Os dispositivos se encaixam uns nos outros e talvez seja por isso que eles permitem a criação de um ambiente simbólico.

Todavia, a pesquisadora Yvana Fachine (2009) lança algumas luzes sobre a questão do dispositivo, luzes que nos ajudarão a posicionar o nosso objeto. A autora adota como dispositivo a noção de que se trata da união de um suporte com um sistema de práticas de utilização. Anteriormente, falou-se das atribuições funcionais que os públicos são capazes de dar aos meios de comunicação, projetados primeiramente para determinadas utilidades. Aqui temos a atualização dessa ideia: as práticas sociais de utilização desses meios, ao interagir com o aparato tecnológico disponível (suportes),

formam os dispositivos. E então fica bastante evidente a noção de rede e de ambiente simbólico já que o dispositivo nasce da constante interação e retroalimentação entre tecnologia e seres humanos, formando de fato uma realidade que nem é unicamente sensorial e nem unicamente virtual, mas carrega esses dois pólos simultaneamente.

Se é possível falar em retroalimentação entre as partes citadas, é possível afirmar que os dispositivos modificam numa certa medida a comunidade e institui uma função que torna possível o surgimento de outros dispositivos. Dessa forma, o mundo encontra-se embebido por esses dispositivos, que possuem essa capacidade de fácil reprodução.

O dispositivo constitui outro ambiente, artificial e virtualizado. Pressupõe um formato prévio e a mobilização de diversas competências, suportes (materiais), mídias e também os novos usos e novas significações que os usuários dão às mídias e aos dispositivos em si.

Neste sentido, o posicionamento tomado por este trabalho quanto à Poesia Digital é de que se trata de uma obra de arte, que não é uma mídia, mas que se encontra inserida em uma: a web. E essa obra de arte procura estabelecer um ambiente artificial promotor de imersão, interessado em manter o leitor/usuário absorto na proposta artística. Além disso, a Poesia Digital também poderia sofrer remixagem a partir da intervenção desses usuários. Sendo assim, poder-se-ia afirmar que a Poesia Digital é também um dispositivo, já que seu aparato tecnológico estabelece um ambiente em rede que se comunica com o público (diverso e ativo) numa constante ação e reação.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. IN: \_\_\_\_\_. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 99-138.

ANTONIO, Jorge Luiz. *Poesia digital*. São Paulo: Navegar Editora, 2010. 80 p.

BAITELLO JR., Norval. II. Cultura como sistema semiótico; III. O conceito do texto da cultura. In: \_\_\_\_\_. *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume, 1999, p. 23-42.

\_\_\_\_\_. As capilaridades da comunicação. In: \_\_\_\_\_. *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma Teoria da Mídia*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 103-120.

FECHINE, Yvana. A programação da TV no cenário de digitalização dos meios: configurações que emergem dos Reality Shows. In: FREIRE FILHO, João (org.). *A TV em transição*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 139-170.

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado. In: \_\_\_\_\_. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 126-137.

FRANÇA, Vera Veiga. “O objeto da comunicação/ a comunicação como objeto”, pp. 38-60, in HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz, FRANÇA, Vera Veiga, *Teorias da comunicação. Conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996. 196 p.

LAZARSELD, P. F.; MERTON, R. K. Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada. IN: COHN, Gabriel. *Comunicação de massa e indústria cultural*. 5a. ed.. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, p.230-253.

LUHMANN, Niklas. A improbabilidade da comunicação> In: \_\_\_\_\_. *A improbabilidade da comunicação*. Lisboa: Editora vega, 2006, p.39-63.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2002. 520 p. (Coleção Temas, v. 49).

MATTELART, A. & MATTELART, M. O estruturalismo. In: \_\_\_\_\_. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 86-102.

McLUHAN, Marshall. O homem e os meios de comunicação (1979). In: \_\_\_\_\_. *McLuhan por McLuhan: entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 326-351.

\_\_\_\_\_. O meio é a mensagem. In: \_\_\_\_\_. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2000, p. 21-37.

MORIN, Edgar. 4. A cultura; 5. A crise da cultura. In: \_\_\_\_\_. *Cultura de massas no século XX - Necrose*. Volume 2. 3a. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2001, p. 75-106.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: PORTO, Sérgio D.; MOUILLAUD, Maurice (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: UNB, 2002, p. 29-35.

PROSS, Harry. La clasificación de los medios. In: PROSS, Harry; BETH, Hanno. *Introducción a la ciencia de la comunicación*. Barcelona: Anthropos, 1990, p. 158-178.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Chicago e o interacionismo simbólico. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à teoria da comunicação: problemas, correntes e autores*. 2ed. São Paulo: Edicon, 2003, p. 37-53.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. IN: MORAES, Denis (org.). *Sociedade Midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 19-49.